

ANA NUNES

O SEGREDO  
DA CASCATA  
DOS MURMÚRIOS

coolbooks

# 1

## Uma notícia estupenda

Tinham começado as férias de verão e tudo lhes corria bem: Constança e Vicente adaptaram-se perfeitamente à nova escola e à nova vida – na Páscoa anterior, na qual tinham vivido uma aventura emocionante, a sua família havia mudado de residência. Por seu lado, Ema e Lucas acabavam de participar na última jornada do campeonato nacional de hóquei em patins, pois pertenciam a equipas da modalidade no colégio que frequentavam. Regressariam a casa naquele dia, e Constança e Vicente ansiavam pela sua chegada.

– Ainda demoras muito? – perguntou o Vicente, olhando enfadado para a irmã.

– Só um minutinho... só mais um minuto...  
– respondeu Constança. – Estás muito nervoso, não estás?! Por que será...? Saudades da Ema...?!

Vicente ignorou propositadamente o sorriso

trocista no rosto da irmã. Ultimamente, Constança divertia-se a provocá-lo: descobrira que ele tinha um fraquinho pela amiga – o rapaz não podia negar que sentia o coração às cambalhotas dentro do peito quando estava junto de Ema.

Foram despedir-se do pai. Ele acabara de examinar um gato siamês que se contorcia desesperadamente no colo da dona.

– Vão às Pedras? – perguntou-lhes o pai com um risinho sardónico. – Não venham tarde! Hoje, a mãe chega cedo... o hospital contratou mais enfermeiros, por isso ela tem direito a descansar um turno.

Sob o sol abrasador de julho, os dois irmãos montaram as bicicletas e percorreram a estrada que os levaria até à Casa das Cinco Pedras, onde viviam os seus amigos. Pedalaram por entre as frondosas árvores até avistarem o solar. Depois de contornarem o edifício, encostaram as bicicletas a uma vedação nas traseiras da casa.

A cozinha soalheira da Casa das Cinco Pedras era um dos lugares preferidos dos quatro jovens – a cozinheira costumava presenteá-los com verdadeiros acepipes na intimidade do seu *palácio* (como ela chamava à cozinha).

Naquela tarde, Maria da Luz abandonara o fogão, as frigideiras e as panelas para se ocupar

de uma tarefa que deixou os dois irmãos estupefactos: empunhando uma colher de pau, a cozinheira vociferava na direção de *Sam*, encurralado por baixo da grande mesa da cozinha.

– És um patife! Que vergonha... Comeste todos os morangos!

Divertidos, Constança e Vicente escutaram os seus lamentos.

– Este malandro foi aos morangueiros da horta e devorou os morangos que lhe apareceram pela frente. Onde é que já se viu? Um cão a comer morangos! Ia apanhá-los para fazer uma tarte para os meninos...

Comprometido, com o focinho apoiado no chão e as orelhas murchas, *Sam* ouvia as acusações de que era alvo. Ele era a combinação perfeita dos atributos da sua raça: inteligente, enérgico, brincalhão, corajoso, fiel, meigo, mas... muito guloso! Não admirava que ele considerasse irresistíveis aquelas frutas vermelhinhas que pendiam por entre a folhagem, lá no fundo da horta.

Vicente – tal como o pai, diziam – tinha uma verdadeira paixão por animais; era dotado de um talento muito especial, a ponto de eles lhe obedecerem e afeiçoarem-se-lhe de um modo inexplicável. Naquele momento, o rapaz olhava para o *golden*

*retriever*, admirando a forma como cão aceitava, humildemente, a culpa das incriminações que lhe eram feitas. Vicente recriminou a crença ridícula dos que pensavam que os cães, e em especial os daquela raça, se limitavam a abocanhar bolas de borracha ou objetos que não lhes pertenciam para os trazer à mão dos donos. Corroborando o valor que Vicente atribuía àqueles animais, Ema e Lucas tinham dito que a mãe de *Sam* integrava uma unidade canina de busca e salvamento, revelando ser uma heroína de quatro patas, uma vez que já havia ajudado a resgatar várias pessoas de cenários catastróficos. Quando conversara com o pai sobre o assunto – o senhor Matias era veterinário –, ele referira:

– Tudo depende da interação que se desenvolva com os animais. Embora os *golden retriever* sejam dóceis e, de uma maneira geral, não se revelem agressivos, são bem capazes de reagir se pressentirem que a segurança dos donos ou o seu território estão a ser ameaçados. Não devemos esquecer que, sobretudo, são cães!

Os pensamentos de Vicente foram interrompidos com a entrada de *mademoiselle* Gigi na cozinha. A governanta da Casa das Cinco Pedras era uma criatura pequena, com uma aparência frágil, mas o seu aspeto austero imprimia alguma inibição aos

dois irmãos. Os seus olhos verdes fitaram Vicente e Constança e, de imediato, comentou:

– Ahhh... *Ces enfants terribles!* Sempre a entram pela cozinha! – Ela era um soldado eficiente no que se referia ao cumprimento de regras; uma delas, e que considerava de ouro, passava por entrar pela porta principal e fazer-se sempre anunciar.

Os jovens, constrangidos, saudaram-na timidamente.

– Boa tarde, *mademoiselle*... Vínhamos tão entusiasmados que nos esquecemos de tocar – desculpou-se Vicente.

Ao verificar o embaraço dos dois irmãos, a governanta decidiu moderar a rispidez que lhe era habitual.

– Estamos todos ansiosos por reencontrar a Ema e o Lucas, *n'est-ce pas?* – disse, colocando um sorriso nos lábios. – E que dizem das novidades?!

Constança e Vicente entreolharam-se. Os amigos tinham-lhes enviado uma mensagem há uns dias: *Preparem-se... temos uma cena brutal para vos contar!*

Embora tivessem feito várias tentativas para saber mais sobre o assunto, Ema e Lucas fecharam-se em copas – que é como quem diz: não abriram o jogo. Eles sabiam que o embaixador Meneses se

encontrava ausente numa missão diplomática em Timor e que só regressaria em setembro para gozar um período de férias na companhia dos filhos.

E agora ali estava a *mademoiselle* Gigi a espicaçar-lhes a curiosidade! Havia alguma coisa no ar, estavam certos disso.

– Ah! *Les voilà*<sup>1</sup>! – anunciou a governanta ao ouvir o som de uma buzina no pátio fronteiro ao solar.

Constança, Vicente e *Sam* precipitaram-se para a porta principal do solar. Batista, o motorista do embaixador Meneses, tirava as malas da bagageira do automóvel. Ema e Lucas saudaram-nos assim que os viram. Correram os dois para eles e seguiram-se uns momentos de grande confusão, com perguntas e respostas cruzadas.

– *Sam*... estás enorme e gordo! A Maria da Luz anda a apaparicar-te de mais! – apreciou Ema.

O cão, delirante com a chegada dos donos, enlouqueceu de imediato e desatou a correr pelo pátio a duzentos à hora, de tal maneira que se ouviam as unhas a raspar no asfalto.

Dirigiram-se para o interior da casa, sempre a tagarelarem.

---

<sup>1</sup> «Ah! Aqui estão eles!» (N. da A.)

Vicente observava atentamente as expressões dos amigos e, tinha a certeza, eles tinham alguma engatilhada.

– Vá, digam logo qual é a novidade... – começou o rapaz, afundando-se num dos sofás da sala.  
– Até a *mademoiselle* já sabe o que se passa!

Ema olhou-os com um ar de troça, assim que o irmão passou a narrar o motivo de tanta ansiedade.

– Puto, nem imaginas... Como o nosso pai está ausente até fins de setembro, o meu padrinho resolveu arranjar-nos um programa de férias. E é um programa altamente!

– Estás a dizer que não vão passar aqui as férias de verão?! – indagou a Constança que começava a mostrar sinais de impaciência.

– Isso mesmo; não iremos ficar cá... – disse Ema, com alguma ironia.

– Pois... E vocês também não, se nos quiserem acompanhar – acrescentou o Lucas. – Imaginem só: alguns dias, numa casa só para nós, em plena montanha...

– O quê?! – interrompeu Vicente.

– Ouviste bem – confirmou o amigo. – O meu padrinho alugou um abrigo de montanha no Parque Nacional da Peneda-Gerês. Estes alojamentos,



que agora têm o conforto básico, serviam para abrigar pastores ou vigilantes florestais.

– Mmmas, mmmas... – gaguejou a Constança.

– Tu disseste que íamos ficar com a casa só para nós.

– E assim é! Pelo menos enquanto o meu padrinho não vier ter connosco, depois de terminar um serviço na Galiza – referiu Lucas.

– Isso é tudo muito bonito, mas não sabemos se os nossos pais nos deixam ir... – lembrou Constança.

– Vocês são mesmo totós! O meu padrinho já falou com eles e pediu-lhes que não vos dissessem nada, para que fôssemos nós a dar a notícia – replicou Lucas, fazendo um esgar divertido.

A euforia era tal que não cabiam em si de contentes. Aquilo sim, era uma notícia estupenda!

Dedicaram o resto da tarde a apreciar o maravilhoso lanche que Maria da Luz lhes preparara, partilhando as peripécias do terceiro período, assim como a curiosidade e a excitação da viagem que os esperava.

– Onde fica o Parque Nacional da Peneda-Gerês? – questionou Constança, entre dentadas numa fatia de bolo.

– Abrange uma área montanhosa no noroeste, com dois planaltos e várias serras. É uma das mais

antigas áreas protegidas do nosso país e classificado como Reserva Mundial da Biosfera! – respondeu Lucas, enquanto a irmã, com um ar matreiro, e unicamente com o movimento dos lábios, esboçava a palavra cromo.

– Tu vais adorar, Vicente – disse ela, virando-se para o amigo. – Parece que há uma enorme variedade de bicharada que dizem ser rara e única no mundo!

– A sério?! Quais, quais? – Vicente estava em pulgas para saber as espécies de animais que o Parque oferecia, para mais tarde poder discutir sobre elas com o pai.

– Os garranos, que são cavalos semisselvagens, javalis, corços, águias-reais, narcejas, falcões, mi-lhafres, corujas, sardões... e as de eleição: víboras e lobos!

Quando terminou de descrever a extensa lista, os olhos cor de avelã de Ema brilhavam de triunfo. Por seu lado, Vicente exultava com o conjunto de animais que ela apresentara. Em contrapartida, Constança olhava-os estarrecida.

– Que horror! – exclamou, estremecendo. – Víboras e lobos??

– É formidável! – contrapôs Vicente. – Vamos ver uma infinidade de espécies! E é escusado

estares tão assustada, Constança: eles têm mais medo de ti, do que aquele que tu possas ter deles!

– Claro, tu ficas contente logo que te cheira a qualquer coisa que envolva animais – rematou a irmã. – Só espero nunca vir a encontrar qualquer um desses bichos!

E, entusiasmados com os dias que os aguardavam, continuaram a fazer planos para as magníficas férias que aí vinham.

## **Ser ou não ser agente secreto: eis a questão!**

Partiriam em breve e muitas coisas estavam por preparar. Nos dias que se seguiram, decidir o que haviam de levar foi o motivo de numerosas discussões.

O grupo de amigos fez as malas. Calções, *t-shirts*, ténis e fatos de banho eram as coisas de que precisariam. E uns blusões, umas toalhas e os sacos-cama.

– Lanternas, binóculos, mochila, chapéu, uma corda – enumerava o Vicente, tentando lembrar-se de tudo.

A irmã olhou-o surpreendida.

– Uma corda? Para quê?

– Vamos para um sítio montanhoso, certo? Podemos precisar de escalar penedos e coisas desse tipo.

– Lobos, víboras, escaladas... Isto está a parecer-me radical de mais para o meu gosto – desabafou Constança que não dispensava determinadas comodidades citadinas e, em abono da verdade, tinha um certo pavor ao isolamento das paisagens selvagens.

Ouviu-se o toque da campainha lá em baixo e ouviram a voz da mãe:

– Venham, meninos! Eles já chegaram.

Os dois irmãos desceram os degraus numa correria. A mãe tinha convidado os amigos e o padrinho de Lucas para o jantar. Os jovens adoravam o sr. Lacerda; para além de ser um amigo sincero, tinha funções que, principalmente na opinião de Constança, remetiam para cenas da *Missão Impossível* ou do *007*. Vicente já lhe havia explicado que ser da Polícia Judiciária não era o mesmo que ser agente secreto, mas ela teimava em imaginar histórias fantásticas de espões.

Durante a refeição, a conversa decorreu animada, com os 4 Quadrantes desejosos de saber vários pormenores sobre o local onde iriam passar os próximos dias.

– Pois é, meus jovens amigos... – começou o padrinho de Lucas. – Nestas férias irão respirar ares retemperadores, comer produtos desintoxicados das hortas e falar com pessoas sem maldade.

– E vão estar longe de se meterem em sarilhos, não é verdade? – quis assegurar a mãe de Constança e Vicente, franzindo o sobrolho na direção dos filhos.

– Sarilhos?! Isso é uma anedota, mãe? – perguntou o Vicente. – Que tipo de problemas é que poderíamos arranjar naquela pasmeira?!

O padrinho de Lucas sorriu e acrescentou:

– O Vicente tem alguma razão. No sossego e na tranquilidade da aldeia de Pitões das Júnias, o único perigo que podem encontrar será recusar a comida que a simpática Elisa vos vai oferecer!

– Pobre senhora... – comentou o pai de Vicente e Constança. – Ter de aturar quatro jovens *grem-lins* e um cão com apetite devorador; não lhe invejo a sorte!

– A Elisa é uma verdadeira mulher barrosã: ajeita-se a tudo! – argumentou o dr. Lacerda. – Depois de deixar Lisboa – onde a conheci –, regressou à sua quinta na aldeia, e lá vive sozinha com a tia-avó que tem para mais de 90 anos. Os nossos heróis só têm de andar uns 200 metros sempre que quiserem ir buscar provisões à quinta.

– Barrosã? – admirou-se Ema.

– Oh, minha querida morgadinha... – replicou o padrinho de Lucas, com os olhos a brilharem de

gozo porque gostava de espicaçar Ema, tratando-a pelo título que o tetravô paterno tinha usado como morgado de cavaleiros. – Barrosã quer dizer que é natural das terras do Barroso, onde fica a aldeia que é o vosso destino. São pessoas que conservam hábitos ancestrais de vida comunitária, vivendo da agricultura e da pastorícia, e têm um dialeto – o barrosão – que na opinião de alguns estudiosos se aproxima do português falado no século XIV.

– Então, vai ser difícil perceber o que eles dizem – aventou o Vicente.

O padrinho de Lucas riu-se, com um ar muito divertido.

– Afinal, que entretenimentos vão eles arranjar durante a permanência na aldeia? – quis saber a senhora Matias, enquanto servia um delicioso gelado de chocolate e noz como sobremesa.

– Minha cara senhora, a estes quatro jovens não vão de faltar atividades interessantíssimas – retorquiu o dr. Lacerda. – A aldeia é pequena, mas têm muito para explorar...

– São precisamente essas atividades exploratórias que me preocupam... – interveio a senhora, suspirando profundamente.

O pai de Constança e Vicente, que estivera a ouvir tudo com um ar divertido, objetou:

– Então, Leonor, não estás a exagerar um bocadinho? Eles já não são propriamente umas crianças; não têm a idade do Lourenço...

A senhora olhou para cima, num desespero cómico, e ripostou:

– Oh, céus! Às vezes, consegues ser pior do que eles! Já te esqueceste da confusão em que se meteram nas últimas férias?!

O grupo de amigos trocava sorrisos à socapa e o padrinho de Lucas, lançando-lhes um olhar cúmplice, resolveu atalhar e pôr fim à discussão.

– Como eu estava a dizer: têm para visitar o Mosteiro Beneditino de Santa Maria das Júnias, que se supõe ser do século XII, construído para comemorar as várias vitórias dos cristãos sobre os muçulmanos e habitado por monges durante muito tempo; acrescentemos ainda que junto a ele corre um ribeiro que se despenha numa magnífica cascata, cujo primeiro patamar tem a altura de 30 metros!

– Uau! Que fixe! – exclamou o Vicente, com os olhos a brilhar de entusiasmo. – Tenho a certeza de que nos vamos divertir imenso! E podemos tomar banho nesse ribeiro?

– Se forem cuidadosos, podem. Há várias albufeiras nas proximidades e, em determinados locais, encontram-se ótimas praias fluviais.



Os quatro amigos entreolharam-se, visivelmente satisfeitos. Aquilo sim, era um programa fantástico!

Acabada a refeição, os adultos foram tomar café para a sala de estar e os quatro amigos pediram licença para irem lá para fora. Mas antes, Lucas quis satisfazer a sua curiosidade junto do padrinho:

– Vai ficar muitos dias em Espanha? E o que vai lá fazer?

Com uma expressão enigmática e ao mesmo tempo em tom de brincadeira, ele respondeu:

– Bem, eu não te posso dizer muitas coisas porque, sabes como é, um serviço secreto é isso mesmo; é secreto! Só te digo que é um encontro entre vários agentes portugueses e espanhóis.

Claro que os outros tinham escutado a conversa e, enquanto saboreavam a brisa quente da noite, a Constança não perdeu tempo:

– Veem, veem?! Eu não vos disse: o padrinho do Lucas é um agente secreto!

– Dâââh! – fez o irmão, passando a mão aberta diante dos olhos. – Lá porque ele disse que vai fazer um serviço secreto, não quer dizer que seja um agente secreto...

Ela encolheu os ombros e fungou com irritação. Não havia argumento que conseguisse demovê-la

da sua ideia: o dr. Lacerda era agente secreto, ponto final!

O pequenito Lourenço que os havia seguido na esperança de arranjar companheiros de brincadeira, rondava o irmão e balbuciava:

– *Puku*, mano... *puku*!

– O que é que ele quer? – perguntou Ema, rindo-se da algaraviada do miúdo.

– Deve querer uma demonstração de *parkour* – referiu Vicente. – Desde que o Henrique me começou a ensinar as técnicas, o Lourenço gosta de nos ver a praticar. Descobri que os exercícios dos saltos em trampolim, no desporto escolar, me ajudam a fazer *parkour*.

Para exemplificar, o rapaz, movendo-se como um gato, galgou agilmente e com destreza o muro que separava o quintal da casa adjacente. Empo-leirou-se no cimo e, para espanto de Lucas e de Ema, deu um mortal e aterrou no chão ao pé deles. De seguida, apoiando os pés na parede do muro e mantendo-se praticamente paralelo ao chão, Vicente correu a grande velocidade.

– Uau! – aplaudiu Lucas, com uma pontinha de inveja perante as habilidades mostradas pelo amigo. – Isso é brutal!

– Mais, mano, mais... – pedia o pequenito Lourenço.

Visivelmente satisfeito com o impacto da demonstração, Vicente passou a descrever os movimentos feitos.

– O que fiz em primeiro lugar chama-se *wall climb*; em seguida, fiz um *frontflip* e, por fim, um *wallrun*.

– Pois, e de seguida vais ter um pano com detergente nas mãos para limpares as marcas dos ténis na parede do muro, assim que a mãe vir o bonito serviço que fizeste! – repontou Constança, ainda ressentida com a emburrância a propósito da questão: ser ou não ser agente secreto.